

LÓGICAS DA MÍDIA / LÓGICAS DOS PROCESSOS SOCIAIS: O RECONHECIMENTO DO TELEJORNALISMO PELOS PENTECOSTAIS

Catiane Rocha Passos de Souza¹

Rita de Cássia Aragão Matos²

Resumo: Este artigo compreende parte de pesquisa de doutorado em desenvolvimento no Programa Multidisciplinar Cultura e Sociedade (IHAC – UFBA). Tem por objetivo discutir algumas condições de reconhecimento do telejornalismo pelos pentecostais das Igrejas Assembleias de Deus a partir da análise de entrevistas com fieis dessa denominação pentecostal. As Assembleias de Deus possuem mais de 100 anos no Brasil, trata-se de uma denominação do pentecostalismo clássico que se constitui por diversas igrejas e ministérios. A análise, neste trabalho, se pauta na noção de Circulação Discursiva desenvolvida nas obras do argentino Eliseo Verón e do brasileiro Antônio Fausto Neto, cujas formulações a compreendem como uma zona na qual a sociedade em midiatização engendra o trabalho de produção e validação de sentidos. O reconhecimento do telejornalismo pelos entrevistados nos aponta indícios do trabalho ideológico, sobretudo, quanto à política partidária no país. A observação dessas pistas nos indica certo distanciamento do discurso religioso, o que nos faz apontar uma tensão ao apagar as marcas de identificação pentecostal. As inferências sugerem nova posição-sujeito na formação discursiva pentecostal, na qual aparecem reformulações no processo de identificação desse religioso na sociedade brasileira em vias de midiatização.

Palavras-chave: telejornalismo, pentecostais, circulação discursiva, reconhecimento, Rede Globo.

1. Introdução

O telejornalismo tem grande importância na constituição da realidade social da nação. Para Gomes (2012, p. 39) é uma “forma cultural específica de lidar com a notícia na TV”. Suas condições de produção o formulam como lugar de referência, o elo intermediário entre instituições, processos sociais e a sociedade. Entretanto, esse lugar de mediação vem sofrendo as transformações da sociedade em vias de midiatização, por exemplo, Escosteguy (2012, p. 36) cita como o aumento da renda dos indivíduos das camadas mais inferiores da estratificação social, por meio do crescimento de programas governamentais de distribuição de renda e de ofertas de crédito, provocou alterações no mercado de TV aberta no contexto nacional: o “surgimento” de uma nova classe média

¹ Doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da UFBA. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA/ Campus Salvador. Email: catiropassos@gmail.com

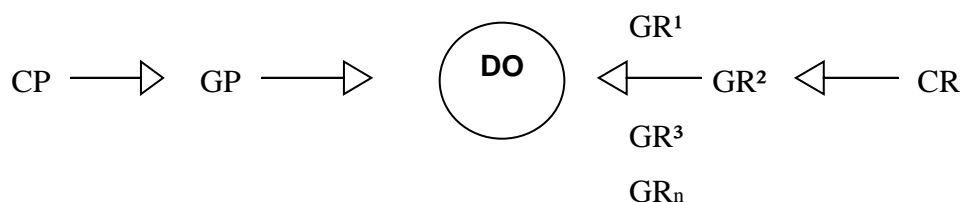
² Professora Doutora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos/UFBA, Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade. Membro do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, CULT. Email: rivalta@uol.com.br

instaurou certa visibilidade das pessoas comuns na mídia, sobretudo, no telejornalismo. “Esse novo contingente de consumidores/telespectadores exerce pressão na programação televisiva brasileira” (ESCOSTEGUY, 2012, p. 36).

As condições de produção, portanto, passam a ser interpenetradas também pelas lógicas dos processos sociais. Um processo em que ocorrem convergências, dissensos e defasagens, pois o reconhecimento do telejornalismo varia conforme a multiplicidade de interpretantes e suas gramáticas. As Gramáticas de produção e Gramáticas de Reconhecimento não são conjuntos de regras, mas conjuntos de lógicas de oferta e conjuntos de lógicas de apropriações das ofertas (FAUSTO NETO, 2016, p. 14).

Para Verón (1997) a circulação é o lugar onde se apreende o funcionamento do processo de midiatização. A circulação é também problematizada nas obras de Fausto Neto (2010) que destacam uma transformação no conceito de circulação, antes “uma espécie de zona insondável”, “intervalo” ou “passagem”. Em seguida, a circulação passou a ser conceituada nas interfaces entre produção e reconhecimento, no lugar de seus contornos já não tão delimitados: “A soberania das gramáticas – em produção e em reconhecimento – perde suas marcas discursivas de fronteiras” (FAUSTO NETO, 2010, p. 61). O “novo dispositivo circulatório” se estabelece “agora numa zona de interdiscursos complexos” que requer em sua “topografia” uma “nova analítica” (FAUSTO NETO, 2011). O analista deve considerar que, com a dissolução das fronteiras entre produção e reconhecimento, “um sistema penetra com suas lógicas no meio e esse meio, simultaneamente, insere-se com suas lógicas no sistema fazendo com que ambos se influenciem, mutuamente” (FAUSTO NETO; SGORLA, 2013, p. 3). A nova analítica é bastante complexa, pois a interpenetração dos sistemas de produção e reconhecimento acionam as lógicas de heterogeneidades (FAUSTO NETO, 2010, p. 65).

Figura 01: A circulação discursiva (VERÓN, 2007-2013)



O esquema da circulação discursiva, proposto e discutido por Verón (2013), apresenta o *Discurso/Objeto* (DO), ou seja, a materialidade que pode ser submetida à

análise. Esse discurso é o resultado de um dispositivo-técnico (uma pintura, um livro, um filme, uma fotografia, um programa de TV, etc), cujas especificidades exigem do analista certas hipóteses (VERÓN, 2013, p. 294). Em nosso trabalho, o DO são os dizeres dos entrevistados sobre os discursos telejornalísticos que se formulam em determinada *Condição de Produção* (CP), e em determinada *Gramática de Produção* (GP). “Do lado do reconhecimento, o gráfico esquematiza a não linearidade da circulação da *semiosis*, indicando a necessária pluralidade de gramáticas de reconhecimento do DO (GR¹, GR², GR³... GRⁿ), que exigem, na sua vez, para sua explicação, um reenvio à condições de reconhecimento (CR)” (VERÓN, 2013, p. 293). Em ambos os polos operam lógicas distintas que indicam o caráter não linear da comunicação, ou seja, “ao situar o status da circulação como fonte desta nova complexidade – a comunicação enquanto um processo afastado do equilíbrio – potencializa a noção de divergência, no lugar de defasagem” (FAUSTO NETO, 2016, p. 19).

2. O reconhecimento do telejornalismo em famílias assembleianas

Para nossa pesquisa em desenvolvimento no Programa Multidisciplinar Cultura e Sociedade (IHAC-UFBA) foram coletadas 12 entrevistas com religiosos das Igrejas Assembleias de Deus (ADs), sendo três membros de cada núcleo familiar, somando 4 núcleos familiares. Pretendendo alcançar um grupo mais heterogêneo possível, em consideração à expansão sócio-territorial das ADs, buscamos amostragem de núcleos familiares na capital baiana, Salvador, e em uma cidade de pequeno porte no interior do estado da Bahia, Ipiaú³, além disso, são famílias residentes em bairros distintos de cada município. Foram entrevistadas duas famílias de Ipiaú, a família Costa (C) e a família Santos (Sa), e duas de Salvador, a família Gomes (G) e a família Souza (So)⁴. As famílias foram pré-selecionadas por indicação de frequentadores das ADs de cada localidade, informantes que apontaram a referência quanto à questão de permanência e frequência nas igrejas, bem como quanto ao hábito de assistir TV. Adotamos o procedimento entrevistas semiestruturadas, ou seja, fizemos um roteiro como ponto de

³ Ipiaú é um município localizado a 355 km de Salvador, situa-se na microrregião cacaueteira, tem cerca de 47.000 habitantes.

⁴ Os entrevistados são identificados, neste trabalho, pelas letras iniciais das famílias seguido por número que indicam: 1. Pai; 2. Mãe; 3. Filhos e/ou filhas; 4. Nora.

partida para a conversa, entretanto não nos limitamos ao mesmo, induzindo, em certa medida, conversas sobre o hábito de assistir telejornal.

Todos os 12 entrevistados apontaram o acesso ao telejornal como uma coisa importante, embora alguns tenham declarado certa seleção e ressalvas a programas e/ou emissoras. Quanto à questão da confiança no telejornal, somente dois entrevistados disseram confiar em tudo que é transmitido (C1 e C2), um desses ressaltou que pode vir a acontecer alguma manipulação de informação num jornal regional, mas não nos de circulação nacional: “Pode ser que a TV Bahia começa aí a fazer a politicagem, pode fazer algum ibope errado na Bahia, mas o Brasil, o Nacional quando eles falam do percentual eles sempre falam certinho” (C1).

Outro dado interessante foram os enunciados quanto ao reconhecimento da Rede Globo, das duas famílias de Ipiaú, apenas um entrevistado fez críticas à emissora, enquanto que das duas famílias de Salvador, apenas um entrevistado não fez críticas à emissora. Além disso, a Família G não reconhece nada produzido pela emissora. A participante C3 declarou ter abandonado a audiência à Globo, um comportamento também observado em So1 que diz preferir assistir a outras emissoras (sobre esses posicionamentos de C3 e So1, detalharemos mais a frente). Esse dado parece apontar posturas diferentes entre os grupos do interior e da capital. Nesse artigo, trataremos das emissoras de TV, sobretudo, da Rede Globo, enquanto condição do reconhecimento do telejornalismo por esses entrevistados.

3. “A Globo é a pior, mas as outras também, tem horas que eu tenho dito que até vou fazer um boicote”

Inicialmente é importante citar que a espécie de acordo na Família G em não assistir à Rede Globo, nenhum programa, nada transmitido pela emissora, é um comportamento que se estende a outros assembleianos⁵. O comportamento é de todos que residem na casa G, ou seja, mesmo quem não participou da pesquisa segue o acordo: “A gente só assiste no canal do SBT, a gente não assiste outro canal não. Canal 4. SBT” (G4); “É porque lá a gente só assiste o 4 ou o 5” (G3); “No 11 eu não assisto nada” (G2). A opção familiar de não assistir a Rede Globo aparece nas entrevistas desse núcleo com justificativas de que tudo na emissora, principalmente as novelas, apelam à

⁵ Esse comportamento foi observado no cotidiano de vivência por mais de vinte anos nas Assembleias de Deus.

nudez e fazem apologia à homossexualidade. Os conteúdos das novelas da Globo são apontados como principais causas desse comportamento familiar, mas o gênero telenovela é assistido em outro canal, ou seja, não é uma questão quanto à gramática de produção da telenovela, mas quanto à condição de produção, ou seja, quanto à emissora que produz e/ou oferece:

Eu gosto de assistir novela, mas só gosto de novela do 4, eu gosto da novela do 4 que é coisa mais simples, no 11 eu não assisto nada. (G2).
Depende do que se vê, porque tem novela, principalmente a do canal 11 né, que são coisas assim que você assiste, mas que você fica até com nojo de assistir porque é muita nudez, é muito, eles tão fazendo muita apologia principalmente com relação ao homossexualismo, é mulher com mulher, homem com homem. Eles botam pra poder as crianças, nossas crianças, filhos adolescentes entenderem que não tem erro nisso, mas o problema é, tem, e eles querem que a gente aceite isso, é complicado, por isso que tem certas pessoas, a maioria das pessoas evita até assistir, mas não é todos os canais, o canal 4 pelo menos não passa nada disso, nem nudez nem nada com apologia ao homossexualismo. Olha, no jornal não vejo muito isso não, acho que é mais nas novelas e mais nesse canal também, principalmente as novelas (G4).

Não há acesso ao telejornalismo da Globo nessa família, portanto, não há críticas nem citações referentes ao mesmo nas entrevistas, confirmando ser uma prática familiar de restrição, uma espécie de comportamento ascético quanto ao reconhecimento da TV. Porém, apenas em relação à Rede Globo, já que os diversos gêneros televisivos são acessados nas outras emissoras: filmes, desenhos, novelas, jornais foram citados como tipo de programas assistidos pela família. G4 justifica a opção em não consumir os produtos da Rede Globo por motivos de veiculação de imagens de nudez e apologia à homossexualidade, afirma que, por esses motivos, a maioria das pessoas evita assistir à emissora. Para ela, isso está mais presente nas telenovelas da Globo, no entanto, a família não assiste nem ao telejornalismo da emissora. É um modo de marcar oposição, repúdio ou de boicotar à emissora.

Certo tipo de boicote à Globo aparece nos dizeres de outros entrevistados, embora com caráter provisório, ao que indicam nas entrevistas. Além de ser uma opção individual, não um “acordo” familiar. Outra distinção nos casos individuais de boicote à Globo que veremos a seguir é que se estende ao telejornalismo e tem fôlego, sobretudo, por assuntos relacionados ao impeachment da Presidente Dilma em 2016 e assuntos relacionados a isso. Os dois entrevistados, So1 e C3, manifestaram um comportamento de suspensão da audiência como forma de protesto ou de desapontamento. Esses indivíduos não possuem contato algum, são de diferentes gerações, de diferentes

núcleos familiares e de cidades distintas, dentre outros elementos que os distinguem. Foram entrevistados em períodos distintos: C3 foi entrevistada em 25 de março de 2016 e So1 no dia 04 de agosto de 2016. O que aproximam os dizeres desses entrevistados foi o fato de apresentarem certa suspensão temporária e não interesse no consumo do telejornal, sobretudo da Rede Globo, e de justificarem o comportamento ao modo como o telejornal se posiciona quanto aos acontecimentos políticos.

Quadro 01: Dizeres de C3 e So1 sobre o telejornalismo da Globo

C3	So1
A Globo, ela tem Jornal Nacional, Jornal Hoje, o de manhã. Eu não assisto não, eu nem, na verdade não tenho assistido mais, porque às vezes eu tou lá, meu marido começa a assistir, eu digo, eu saio de perto pra eu não ficar nervosa, pra eu não pedir pra ele tirar, porque eu vou comentar, ele é mais quietinho e eu sou mais zuadenta, aí eu saio de perto (...) Então pra mim, a Globo é a pior, mas as outras também, tem horas que eu tenho dito que até vou fazer um boicote não vou nem dá ibope, não vou dá, não vou ligar.	Sou uma pessoa que não sou muito chegada ao canal da Globo, assim nem tudo que eles lançam pra mim surte efeito, porque eles dominam o país (...) Jornal é notícia velha pra mim, eu já sei de tudo que eles vão falar, vão falar que o congresso tá roubando, vão falar das falcaturas de empresas, disso e daquilo, a gente já sabe, essas coisas a gente já sabe. As mesmas coisas, não têm notícias novas não. É tudo coisa velha.

Esses dizeres tratam do estado de crise política estabelecido no país desde a reeleição de Dilma como Presidente da República no final de 2013. Falar da política no lugar de cidadão é uma postura nova do assembleiano, pois até os anos 80 havia aversão desses religiosos ao assunto política, inclusive essa postura ainda é conservada em muitos casos⁶. Essa nova postura tem relação com a midiatização a partir da década de 80 que estimulou o envolvimento político dos pentecostais. Uma tensão se estabelece, pois, aparenta uma falta do atravessamento do discurso religioso assembleiano na significação que esses entrevistados dão ao telejornal da Globo, constituindo, portanto, uma nova posição-sujeito dentro da formação assembleiano:

Quadro 02: Dizeres de C3 e So1 sobre a política no telejornalismo da Globo

C3	So1
----	-----

⁶ Uma das famílias indicadas pela comunidade da AD de Ipiaú-BA e visitada por nós não aceitou participar da pesquisa por considerar que em 2016, ano de eleições municipais, qualquer pesquisa tocaria no tema política. Embora explicássemos os objetivos da pesquisa, um de seus membros não aceitou a participação por temor de precisar falar no assunto política.

Ah, eu acho assim a Globo, os telejornais da Globo. A Globo, pra mim, sempre eu via as pessoas dizendo Globo lixo tóxico coisa do tipo, só que eu tinha o telejornal da Globo assim como o mais verdadeiro, eu tinha isso, só que na verdade eu tenho visto como eles têm, como eles não dão ênfase a quase notícia nenhuma, a importância que eles dão assim pra falar contra o governo, pra dizer que tá tendo corrupção, existe crise crise crise, querendo falar isso pra colocar na cabeça do povo, (...). Porque existe interesse de grandes, grandes né, pessoas de grandes interesses no Brasil que eles têm interesse de derrubar o atual governo. Na verdade, não concordam com o crescimento do jeito que tem havido, uma distribuição melhor da economia, então eu acredito em tudo isso. (...) Eu tenho visto o da Band, ele fala dá a notícia assim como um todo, mas não foca, não tem toda essa, essa, não foca tanto assim, a SBT também fala, mas a que mais tem, que tava assim, incitava, tentava incitar o ódio ao PT, o ódio a Dilma, eles têm, se você observar até na forma como os jornalistas falam, o Wiliam Bonner, o jeito como eles dão ênfase no Fantástico, como eles dão aquela força ali, tudo aquilo, como aquilo a pessoa que tá assistindo. Uma pessoa que não tem assim, meu Deus, que num tem uma visão assim, ampla, sabe, na hora acredita mesmo, acredita. Então, infelizmente o que eu tanto via só que eu não concordava que a Globo é um lixo tóxico, confirmei que é verdade.

Por que o jornal da Globo é tendencioso, tendencioso, então o quê que acontece? Quando ele quer perseguir uma pessoa, como ele há uns tempos atrás aqui perseguiu Dilma, que eu acho que isso aí pra mim tá errado, foi, é um investimento da Globo pesado, em cima dela e acho que ela não foi totalmente culpada do país tá onde tá, é todo mundo junto ali que é o culpado, na verdade é essa, então a Globo investiu muito pesado em cima dela e acabou com a vida dela né, tirou ela do poder, já tão tentando derrubar Lula agora. Tem a tendência, tem esse peso, quando querem levantar uma pessoa eles levantam, quando querem derrubar uma pessoa eles derrubam, agora, tanto provo isso pra você pelo seguinte assim: antigamente quem representava o Nordeste, quando precisava falar qualquer coisa do nordeste, era a Bahia (...), então antigamente quando eles queriam passar uma reportagem, digamos assim sobre o tempo, informações do tempo, se vai chover hoje, começava pela Bahia, se vai chover na Bahia. Hoje em dia, porque os baianos votaram contra Dilma, votaram a favor de Dilma, contra o impeachment, o que é que acontece? A Globo não passa mais sobre o tempo na Bahia, eu tou lá fora e vejo, hoje o que passa é, o que representa a Bahia, o que representa o Nordeste hoje é Recife e Ceará, tá entendendo? Recife e Ceará tão crescendo na mídia e a Globo tão levantando eles e tão derrubando a Bahia, porque a Bahia hoje, a Globo não tem apoio na Bahia, pronto a questão é só isso aí. Não teve apoio, então eles abandonam a gente, e levam todos pra outros estados, então a mídia em si, a mídia em si, a mídia em si, eles são muito autoritários e eles se acham com o direito de terem o direito de tudo.

Nas duas narrativas há a concepção de certa manipulação da Rede Globo em relação ao noticiário sobre a política no país. O sujeito do discurso que contesta o telejornalismo da Globo questiona seu papel de *locus* referencial, pois espera-se credibilidade ao traduzir com objetividade aos telespectadores uma realidade com elementos de seu contexto social que seriam provavelmente desconhecidos sem uma mediação. A credibilidade do discurso telejornalístico o converte em aporte seguro na construção de posições sobre os fatos, ao mesmo tempo faz emergir o esclarecimento quanto à formação de um juízo de valor.

A credibilidade e objetividade dos telejornais são constituídas pela hegemonia ideológica da TV em nossa sociedade, construídas através de estratégias discursivas a exemplo do testemunho das imagens e dos entrevistados nas notícias e pela impossibilidade do telespectador de conferir a veracidade dos fatos, enfim, características axiomáticas do discurso telejornalístico. Essas características designam, assim, a imagem que os interlocutores fazem de si, do outro e do referente e implicam relações de forças entre os interlocutores e relações de sentidos entre os discursos. Embora a interpretação varie conforme o telespectador, os efeitos de sentidos são produzidos por repetições e regularidades que alicerçam o dizer tornando a notícia passível de leituras. A legibilidade da formação discursiva telejornalística parte do interdiscurso que a identifica enquanto factual, portanto constituída de caráter objetivo, confiável e legítimo.

As atitudes e representações que compreendem a formação ideológica se representam no dizer, mas não de modo transparente. As tensões tornam-se opacas, efeito ideológico, e os discursos parecem falar das mesmas coisas de outras formas, e falam, embora de formas diferentes, para determinar o que pode e deve ser dito e/ou silenciado. No caso dos textos das entrevistas acima, o sujeito do discurso traz pistas para apontar o trabalho ideológico no telejornalismo. No dizer de So1, uma dessas pistas é o apagamento da Bahia, por exemplo, na previsão do tempo. Os efeitos de sentido apontam o poder da emissora de interferir inclusive na questão econômica das regiões do país, especificamente na Bahia, pois esse apagamento repercute no mercado turístico, um dos principais geradores econômicos do estado:

Quadro 03: Dizeres de So1 sobre pistas do trabalho ideológico da Globo

Causa	<i>Hoje em dia porque os baianos votaram contra Dilma, votaram a favor de Dilma, contra o impeachment, o que é que acontece?</i>
Pista	<i>A Globo não passa mais sobre o tempo na Bahia, eu tou lá fora e vejo</i>
Resultado	<i>Não teve apoio, então eles abandonam a gente, e levam todos pra outros estados (So1).</i>

O dizer de C3 aponta duas pistas do trabalho ideológico no telejornalismo da Globo, uma diz respeito à ênfase na repetição do tema crise política em detrimento das demais notícias, quando comparado ao de outras emissoras; e a outra pista diz respeito à tonalização do discurso dos apresentadores dos telejornais.

Quadro 04: Dizeres de C3 sobre pistas do trabalho ideológico da Globo

Ênfase - repetição	<i>eles não dão ênfase a quase notícia nenhuma, a importância que eles dão assim pra falar contra o governo, pra dizer que tá tendo corrupção, existe crise crise crise querendo falar isso pra colocar na cabeça do povo (...). Eu tenho visto o da Band, ele fala, dá a notícia assim como um todo, mas não foca, não tem toda essa, essa, não foca tanto assim, a SBT também fala</i>
O tom	<i>mas a que mais tem, que tava assim, incitava, tentava incitar o ódio ao PT, o ódio a Dilma, eles têm, se você observar até na forma como os jornalistas falam, o William Bonner, o jeito como eles dão ênfase no Fantástico, como eles dão aquela força ali, tudo aquilo, como aquilo a pessoa que tá assistindo (C3).</i>

Sobre o uso do tempo do noticiário para dar ênfase ao tema, repetindo o assunto crise política nacional, fizemos um levantamento no Jornal Nacional (JN), no mês de março de 2016, no qual realizamos a entrevista com C3. O objetivo do levantamento foi comparar o número de matérias relacionadas à crise política nesse mês com o de outro período, assim também levantamos esses dados no JN no mês de julho de 2016⁷. A quantidade de matérias sobre o mesmo assunto indica a repetição como também a ênfase dada ao mesmo.

Selecionamos o JN por ser bastante citado nas entrevistas, também por ser o carro-chefe do telejornalismo da Globo, possuindo maior audiência desde sua criação, mesmo com a queda de pontos após advento das novas mídias (redes sociais, sites, blog). Ao longo de seu histórico o JN⁸ se destacou pela moderna tecnologia na produção, bem como pela qualidade técnica jornalística e cobertura dos principais fatos nacionais e internacionais. O JN vem se atualizando quanto à linguagem, formato, cenário, dentre outros elementos que garantem o contrato de leitura com o telespectador de diferentes classes sociais, níveis de escolaridade e de diferentes partes do país.

O noticiário político aparece como um assunto diário nas edições do JN. Nos últimos dois anos, a maior parte das reportagens sobre política nacional girou em torno da “Operação Lava Jato”: investigação da Polícia Federal, iniciada em 17 de março de 2014, sobre esquemas de corrupção que envolvem lavagem de dinheiro, desvios de

⁷ Selecionamos o mês de julho por ser o mês antes da entrevista de So1 (04/08/16), apenas para fazer comparação entre dois meses distintos.

⁸ Foi ao ar no dia 1º de setembro de 1969, apresentado por Hilton Gomes e Cid Moreira, inaugurou a rede nacional da TV Globo. Em pouco tempo se transformou no noticiário mais visto pelos brasileiros. Inicialmente possuía 15 minutos de duração de segunda a sábado como ocorre ainda hoje. Atualmente, vai ao ar por 45 minutos, o horário de exibição de 20:30h às 21:15h. A equipe principal é formada pelo editor-chefe e apresentador William Bonner, editor-chefe adjunto Fernando Castro, editora-executiva e apresentadora Renata Vasconcelos.

dinheiro público e favorecimento de políticos e empresários ligados à Petrobras. A partir de abril de 2016 as reportagens sobre a política nacional destacou também o processo que culminou em *impeachment* da Presidente Dilma em agosto de 2016. Em nossa observação consideramos as matérias de conteúdo sobre a crise econômica quando inter-relacionados à política:

Quadro 05: Matérias do JN em março e julho sobre a crise política

Jornal Nacional	Quantidade de edições	Total de matérias	Sobre a crise política	Sobre crise econômica	%
Março 2016	27	398	215	24	62%
Julho 2016	26	422	61	12	17%

Apesar de possuir uma edição a mais, o mês de março tem 24 matérias a menos que julho, isso indica que naquele mês as matérias foram mais longas, além de 62% delas tratarem do tema. Sobre isso, observamos no mês de julho que a edição do dia 07 foi a que mais se dedicou ao tema, totalizando 47% da média do tempo da edição dedicado ao assunto crise política. Enquanto que, em março, somente em 6 edições das 27 tiveram uma média menor que 50% do tempo total da edição dedicado ao assunto. No mês de março algumas edições foram completamente dedicadas à crise política, inclusive com suspensão do quadro diário da previsão do tempo em três edições.

Quadro 05: Edições em março mais dedicadas à crise política

Data	Matérias na edição	Sobre a crise política	Sobre a crise econômica	%	Observação
03/03/16	15	11	3	93%	
04/03/16	18	17	1	100%	
15/03/16	11	7	2	91%	
16/03/16	9	9		100%	Sem previsão do tempo
17/03/16	12	12		100%	Sem previsão do tempo
18/03/16	19	16		84%	
30/03/16	8	7		87%	Sem previsão do tempo
31/03/16	11	9		82%	

3. Considerações finais

Os dados indicam que o uso do tempo do noticiário para dar ênfase ao assunto política nacional tem relação com a interpenetração da mídia no campo político. O mês de março antecedeu a votação sobre admissão do processo de *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados Federais, que veio ocorrer em 17 de abril de 2016, ou seja, cada novo fato estimulava manifestações dos cidadãos que foram às ruas por diversos dias antes da votação na Câmara. A ênfase do JN reforçou o discurso da falta de conduta moral no campo político brasileiro atribuindo ao telejornal um papel de promotor de uma moralidade no campo da política. Desse modo, o telejornal ultrapassa sua função mediadora e se assume como sujeito moral, com base no lugar de legitimidade, atribui a si importância social enquanto dispositivo de moralidade para transformação de um problema grave no Brasil – a corrupção.

A segunda pista sobre o trabalho ideológico do JN quanto ao tema política nacional diz respeito ao reconhecimento do uso da “tonalização” no discurso telejornalístico como estratégia de significação. A noção de “Tom”, definida por François Jost e desenvolvida por Elizabeth Duarte, trata do dispositivo sintático-semântico que diz respeito ao processo de conferência de um *tom* ao discurso, isto é, à produção de determinados efeitos de sentido (DUARTE, 2007, p. 07; JOST, François, 2007, p. 65). A noção de tonalização do discurso é observada na leitura que C3 faz de matérias dos telejornais ao reconhecer que não apenas o conteúdo e o tempo dão ênfase ao assunto, mas o modo como as matérias são apresentadas, ou seja, o “tom” que é conferido às notícias. A entrevistada se esforça para explicar a capacidade que o “tom” daquele discurso tem em fazer o leitor acreditar, até mesmo desenvolver sentimento de ódio ao PT e a Dilma, principais figuras-objeto no noticiário da época:

Tentava incitar o ódio ao PT, o ódio a Dilma, eles têm, se você observar até na forma como os jornalistas falam, o William Bonner, o jeito como eles dão ênfase no Fantástico, como eles dão aquela força ali, tudo aquilo, como aquilo a pessoa que tá assistindo. Uma pessoa que não tem assim, meu Deus, que num tem uma visão assim ampla, sabe, na hora acredita mesmo, acredita (C3).

C3 aponta pistas do trabalho ideológico no telejornalismo da Globo quanto à política nacional. No exercício de observação dessas pistas, há certo distanciamento desse sujeito-interlocutor com o discurso religioso, o que nos faz apontar uma tensão ao apagar marcas de identificação com a forma-sujeito assembleiana, ou seja, é uma nova posição-sujeito que se manifesta com posicionamentos marcados: “meu marido começa a assistir, eu digo, eu saio de perto pra eu não ficar nervosa, pra eu não pedir pra ele

tirar, porque eu vou comentar” (C3). “Jornal é notícia velha, pra mim, eu já sei de tudo que eles vão falar” (So1). Os trechos grifados indicam certo posicionamento de autonomia cidadã.

O boicote à Globo pela Família G tem razões nas questões de imoralidade, no que tange à sexualidade, tem fundamentos nos discursos da ascese conservadora assembleiana, na qual ser moral é ser separado, ser distinto, possuir comportamentos de diferença. O boicote à Globo por C3 e So1 tem razões na interpretação do posicionamento manipulador da emissora no que se refere às questões de política com tendência partidarista. A apropriação dessas razões nos demonstra uma secularização da ascese assembleiana nesses sujeitos, ou seja, não há extensão da moralidade assembleiana à interpretação do assunto política no telejornalismo da Globo, ao contrário, há extensão do posicionamento moral secular ao discurso assembleiano. Sendo assim, pelo reconhecimento desses entrevistados começamos a observar um movimento no processo de identificação do religioso assembleiano, ultrapassando os limites dos discursos institucionalizados-religiosos e apontando indícios de individualidades e autonomia na leitura do noticiário político.

Referências bibliográficas

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Dos Telejornais: Entre temporalidades e tons**. Trabalho apresentado no XXX NP- Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Jornalismo e estudos culturais: uma perspectiva cultural. IN: GOMES, Itania M. Mota. **Análise do Telejornalismo: Desafios Teórico-metodológicos**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 25-38.

FAUSTO NETO, Antonio. AD. Rumos de uma nova analítica. IN: FERREIRA, G. M., SAMPAIO, A. e FAUSTO NETO, A. (orgs.). **Mídia, discurso e sentido**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 27-42.

FAUSTO NETO, Antonio. Circulação além das borda. In: FAUSTO NETO, Antônio y VALDETTARO, Sandra (directores). **Mediatización, sociedad y sentido: Diálogos entre Brasil y Argentina**. Coloquio del Proyecto “Mediatización, sociedad y sentido: aproximaciones comparativas de modelos brasileños y argentinos”. Programa de Cooperación Científico-Tecnológico MINCYT-CAPEL 2009-2010. Cod. BR/08/21. Rosario: agosto, 2010. p 2-17.

FAUSTO NETO, Antonio. Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação? In: FAUSTO NETO, Antonio *et all* (orgs.). **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2016. p. 43-64.

FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.

FAUSTO NETO, Antonio e SGORLA, Fabiane. Zona em construção: acesso e mobilidade da recepção na ambiência jornalística. **Lumina**: Revista do PPGCom UFJF. V.07. Nº01 – 2013.

GOMES, Itania M. Mota. Estabilidade em fluxo: uma análise cultural do *Jornal Nacional*, da *Rede Globo* IN: GOMES, Itania M. Mota. **Análise do Telejornalismo: Desafios Teórico-metodológicos**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 39-58.

JOST, François. **Compreender a Televisão**. Tradução Elizabeth Duarte, M^a Lília Castro e Vanessa Curvello. Porto Alegre: Sulina, 2007.

VERÓN, Eliseo. **La Semiosis Social 2: ideas, momentos, interpretantes**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. In: **Revista Diálogos de la Comunicación**, n.48, Lima: Felafacs, 1997.